

APRESENTAÇÃO

A história deste projeto, cujo resultado mais visível ora apresentamos neste livro, é um bom exemplo de como o entusiasmo e a tenacidade podem ser, tanto quanto a competência e a seriedade, características marcantes de um trabalho científico. A idéia de constituir uma rede de informações bibliográficas no campo dos estudos de gênero surgiu entre nós, feministas e estudiosas da área, há vários anos, mais exatamente em dezembro de 1990, num seminário realizado em São Roque, SP. Ela foi apresentada no bojo de um conjunto de propostas, tais como a de uma revista científica e a de cursos itinerantes, que visavam ampliar e fortalecer os estudos de gênero, tema que começava a ganhar espaço na academia.

Essa idéia seria retomada alguns meses mais tarde, no Encontro Nacional de Núcleos Universitários de Estudos sobre Relações Sociais de Gênero, realizado na Universidade de São Paulo, em março de 1991, desta feita no âmbito de uma proposta mais ampla sobre a constituição de uma rede de núcleos. O apoio financeiro da Fundação Ford ao Programa de Dotações para Pesquisa sobre Mulheres e Gênero, coordenado pela Fundação Carlos Chagas, viabilizou a formulação posterior, por meio de comissões formadas durante esse evento, dos seguintes projetos: um curso de teoria e metodologia de gênero, uma revista científica, uma rede de informações bibliográficas e a formação de uma rede de núcleos. Tendo sido organizadoras do primeiro evento e participado ativamente do segundo, Albertina de Oliveira Costa e eu, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, passamos a integrar também, respectivamente, as comissões da futura Revista Estudos Feministas e a da rede de informações bibliográficas. Desta última, da qual passei a ser coordenadora, faziam parte Maria Lygia Quartim de Moraes (àquela época da UNESP), Heloísa Buarque de Hollanda (UFRJ), Françoise Dominique Valérie (UFRGN), Glaura Miranda (UFMG), Eva Blay e Tamara Cianciarullo (ambas da USP). Cynthia Sarti, então pesquisadora visitante na Fundação Carlos Chagas, passou a ser coordenadora executiva do projeto, enquanto Sandra G. Unbehaum integrou-o como assistente de pesquisa. Inúmeras reuniões e visitas a centros que dispunham de acervos bibliográficos estruturados, como o SEADE, o Núcleo de Violência da USP, o projeto REDUC, sediado na Biblioteca da Fundação Carlos Chagas e outros antecederam a formulação, em 1992, do Projeto Rede de Documentação sobre Mulher e Gênero, enviado à apreciação da Fundação Ford, que não o apoiou por não se tratar, naquele momento, de projeto prioritário.

A semente, contudo, já estava plantada. Era mais do que clara, para todas as pesquisadoras envolvidas, a necessidade de reunir e sistematizar, em um centro informatizado, referências bibliográficas que cobrissem a produção científica sobre mulheres e relações de gênero no Brasil, para posterior disseminação por todo o país. Este era o objetivo do projeto, que apontava também para a necessidade de definir critérios pré-estabelecidos para a indexação dos títulos, tendo sido sugerida a utilização do Tesouro da UNESCO, adaptado aos interesses de uma rede de títulos referentes a mulheres e gênero. Começava a amadurecer e ganhar forma a idéia de que a constituição de uma rede só seria viável após a construção de uma linguagem ou vocabulário bibliográfico comum. Esse objetivo teve que ser adiado por falta de recursos, mas permaneceu como projeto a ser realizado, entre as metas do grupo de pesquisas de gênero da Fundação Carlos Chagas.

Em 1994, surge, na ocasião do VI Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulheres e Relações de Gênero, uma possibilidade de retomar a proposta, desta vez em tempos de novas tecnologias, informatização de toda a Instituição e, um pouco mais tarde, comunicação *on-line* com todo o país e fora dele, através da Internet. Ao mesmo tempo que se torna cada vez mais viável, a constituição de bancos de informações, sejam elas dados estatísticos ou referências bibliográficas, passa a ser um imperativo, na medida em que se amplia a comunicação entre os pesquisadores e, conseqüentemente, o volume da demanda. Porém, cautelosas e com a firme convicção de que, sem uma linguagem comum pré-construída, a formação da rede não teria nenhum sentido, passamos a investir na construção do *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*, ou TEG, como é carinhosamente chamado.

Este novo projeto, que realizamos durante mais de um ano, esteve a cargo de Danielle Ardaillon, pesquisadora-visitante na Fundação Carlos Chagas e de Sandra G. Unbehaum, assistente de pesquisa desta Instituição. Graças a elas, a construção de um Tesouro de Gênero começou a se concretizar. Em sua primeira versão, em dois volumes, de difícil manuseio, ele foi apresentado à Fundação Ford como relatório e logo depois começou a ser utilizado, após o treinamento ministrado por Danielle e Sandra, pelas bibliotecárias da Biblioteca Ana Maria Poppovic – BAMP, da Fundação Carlos Chagas, para a indexação do acervo de títulos na área de gênero. As dificuldades surgidas nessa etapa do projeto, quer pela complexidade do instrumento, quer pela resistência a novas idéias, provocaram certa lentidão no processo. Por outro lado, mostraram que, sem um criterioso processo de treinamento, a implementação do Tesouro seria praticamente inviável. Ao mesmo tempo, os primeiros passos na orientação sobre sua utilização como instrumento de indexação bibliográfica foram demonstrando seu grande potencial como instrumento de discussão teó-

rico-metodológica no campo dos estudos de gênero, uma vez que ele não é uma mera lista de palavras, mas uma complexa interrelação de conceitos e áreas temáticas. Infelizmente, este potencial didático não foi bem percebido pelas agências financiadoras às quais recorreremos, os recursos escassearam e foi possível realizar, naquela ocasião, um único *workshop*, na sede do projeto, para os interessados de São Paulo.

Finalmente, no âmbito do III Programa de Dotações para Pesquisa sobre Mulheres e Relações de Gênero, apoiado pela Fundação Ford em agosto de 1997, foi possível retomar este projeto tão querido quanto de tão árdua realização. Renovados alguns contatos, iniciados outros com núcleos e centros de pesquisa, começam a ser planejados, em várias regiões do país, seminários para a divulgação do Tesouro, sempre na forma de treinamento oferecido pela equipe a pesquisadoras e documentalistas da área estudos de gênero. A publicação do Tesouro atende, portanto, não apenas ao nosso desejo, mas também à necessidade de dispor dele em formato adequado para o treinamento e para a distribuição às bibliotecas dos centros e instituições interessadas.

É, pois, com a maior satisfação que apresento o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* – TEG, cuja publicação, pela Editora 34, em co-edição com a Fundação Carlos Chagas, só foi viabilizada graças ao apoio financeiro da Fundação Ford. E mesmo assim, é preciso salientar, ela não teria sido possível se a elaboração do TEG não tivesse contado com o empenho, o entusiasmo, a dedicação e a competência de Danielle Ardaillon e de Sandra G. Unbehaum, às quais reitero meus profundos agradecimentos por tornar viável este projeto. Espero que, em um futuro bem próximo, seja possível concretizar, com esta mesma equipe e utilizando este Tesouro que está sendo publicado, a constituição da tão desejada Rede de Informações Bibliográficas na área de estudos de gênero e sobre mulheres.

Cristina Bruschini
São Paulo, julho de 1998

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a Biblioteca Ana Maria Poppovic – BAMP, da Fundação Carlos Chagas, recebeu um número crescente de consultas ao seu acervo de estudos de gênero e sobre mulheres. Além da provável escassez desse tipo de literatura em bibliotecas universitárias, é possível pensar que aumentou o interesse no conhecimento da assim chamada “questão da mulher” e que existe portanto uma demanda de informação e de reflexão merecendo ser municiada com bibliografias adequadas.

Por ser um dos primeiros centros de pesquisa brasileiros a ter implantado um Programa específico dedicado aos Estudos de Gênero, e pelo fato de ter promovido, desde 1978, com o apoio da Fundação Ford, concursos nacionais de dotações para projetos de pesquisa nessa mesma área, a atuação educacional da Fundação promoveu o acúmulo na BAMP de um amplo acervo de documentação bibliográfica sobre Gênero. Entretanto, até recentemente, no processo de indexação deste acervo, a BAMP utilizou um vocabulário controlado, acumulando palavras-chave sem a desejável característica de universalidade.

De fato, por terem um acervo amplo e pluridisciplinar, sujeito a aquisições constantes, as bibliotecas de instituições de ensino e pesquisa não costumam usar um tesouro específico para determinada área do conhecimento. Elas procedem à indexação de todas as obras pelo sistema de cabeçalhos de assunto (*subject headings*) e muitas delas utilizam aqueles listados pela Biblioteca do Congresso norte-americano (*Library of Congress Subject Headings*)¹. Trata-se de um sistema com especificidade limitada, sujeito a constantes interferências, que lista palavras ou grupos de palavras sem relação entre si como “comida crua”, “língua norueguesa”, “motor a diesel”, “viscosidade” etc. Quem quiser indexar algo com o descritor “mulheres”, por exemplo, terá o trabalho de percorrer umas 15 páginas, com a média de 51 registros por página, para encontrar a palavra-chave desejada.

A classificação por cabeçalhos de assunto, sem as devidas e constantes reavaliações e atualizações feitas por especialistas de cada campo de es-

¹ A Biblioteca do Congresso norte-americano utiliza 4 enormes volumes, num total de 192.000 registros, na edição de 1993. Iniciada em 1898, essa lista é revisada a cada ano, aumentada ou diminuída. Anualmente são adicionados de 5 a 7.000 registros. Do total de registros, há 12.600 nomes de pessoas, sendo 11.000 nomes de família, 20 títulos de conferências, 28.700 registros geográficos, 155.000 registros de tópicos etc.

tudos, tende a se tornar um amontoado de palavras com pouca eficácia para a coleta, o armazenamento e a recuperação dos documentos. Se no caso de bibliotecas de maior porte, capacitadas para atualizar as suas listas de cabeçalhos, esta classificação é válida, a biblioteca de um instituto de pesquisa com programas de estudos bem delineados deveria amparar os seus pesquisadores com indexações baseadas preferencialmente em tesouros específicos.

Nesse sentido, o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* que apresentamos a seguir, representa o instrumento adequado não apenas para uma indexação mais precisa de acervos sobre gênero e mulheres de qualquer biblioteca, mas também para facilitar o acesso a informações sobre a condição feminina, ou ainda para agilizar levantamentos bibliográficos e eventuais mapeamentos dos estudos de gênero.

1. CONCEITUAÇÃO DO *TESAURO*

A palavra tesouro, do latim “thesaurus” que quer dizer tesouro, não constava da primeira edição (1975) do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Presente na edição mais recente, ela continua porém menos conhecida do que a palavra dicionário, embora um tesouro seja um tipo de dicionário. O primeiro tesouro existente data de 1852 quando o inglês Peter Mark Roget publicou o *Thesaurus of English Words and Phrases*, o qual, segundo o autor, não agrupava palavras pela ordem alfabética “mas de acordo com as idéias que exprimiam”, ou seja, pelo seu significado².

Um tesouro distingue-se de um simples vocabulário controlado por duas características. A primeira é que as palavras nele listadas não descrevem, mas antes significam: cada palavra é um conceito. Sendo assim, essas palavras que designam conceitos não são mais simples palavras, tornam-se “termos”, ou ainda “descritores”. A segunda característica é que todos os termos estão relacionados entre si; nenhum termo pode figurar no tesouro sem estar relacionado a algum outro, sendo essa relação determinada pelo seu significado. Assim, além do seu efeito organizador, ele tem também um efeito didático, não apenas ao utilizar conceitos específicos da área do conhecimento que contempla, mas também ao relacionar termos que têm entre si conexões pouco evidentes para o leigo.

Essas qualidades conferem a todo tesouro uma multiplicidade de usos, desde estabelecer categorias para bibliotecários e pesquisadores, ajudando-os na indexação de livros, relatórios, revistas, artigos, *papers* etc., até ajudar a fazer índices de livros.

² Ver GOMES, Hagar Espanha. *Manual de elaboração de tesouros monolíngues*. Brasília: MEC/MCT, 1990, p. 13.

Linguagem documentária, construída para processar a informação contida em documentos de todo tipo, um tesouro assegura tanto sua coleta, como seu armazenamento e recuperação. Por ser um mecanismo de processamento, ele é forçosamente simplificador, ele não é um sistema de descrição detalhada de uma área do saber. Sendo vocabulário, porém, ele nomeia e dá forma às instituições que estruturam a maior parte de nossas vidas. Como sabemos, a língua é uma atividade humana ao mesmo tempo íntima e política. É a língua que nos constrói e é por meio dela que construímos o mundo e nossas relações com ele. No caso em pauta, o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* terá a função eminentemente didática de difundir uma linguagem menos sexista que permita apreender um mundo menos discriminatório em relação às mulheres.

O campo do “gênero” tem tamanha abrangência que o propósito de processar a sua documentação é imediatamente um convite ao seu recorte. De que maneira abordar um campo que pretende conhecer, descrever e compreender as relações existentes entre homens e mulheres ou ainda recuperar aspectos menos conhecidos da vida de mulheres brasileiras? De que maneira dividi-lo em categorias maiores e em sub-campos? Operando uma classificação pelas disciplinas que o estudam? Como permitir as ligações entre os sub-campos? Enfim, ao fazer isso, de que maneira sedimentar o que a teoria feminista nos ensinou? Essas foram as perguntas que orientaram toda a fase de conceituação propriamente dita do *Tesouro*.

As reflexões que milhares de mulheres acumularam no decorrer dos séculos sobre a experiência prática cotidiana de sua condição subordinada foram constituindo um corpo teórico que inspirou a epistemologia e a metodologia de pesquisa feminista e que permitiu a revisão da natureza do saber acadêmico em todos os campos dos estudos sobre as relações sociais entre os sexos.

Basta olhar para o vasto leque de pesquisas feministas universitárias e observar como a metodologia feminista permite criar relações entre diferentes linhas de pesquisa, revelando conexões e sentidos velados que modificam a nossa compreensão dos mecanismos e dos significados do poder na vida social e política. Lembramos o quanto foi importante o estabelecimento de relações diretas entre problemas de poder, no sentido político tradicional, e outras questões privadas como a violência na família, ou ainda as relações recíprocas entre a produção econômica e a reprodução biológica.

No Brasil, o desenvolvimento científico do campo ocorreu nos últimos vinte anos com características peculiares³. De fato, ele acompanhou

³ Ver: COSTA, Albertina de O., BARROSO, Carmen e SARTI, Cynthia, “Pesquisa sobre mulher no Brasil – Do limbo ao gueto?”, *Cadernos de Pesquisa* (54): 5-16, ago. 1985.

a própria legitimação do “feminismo”, tido como ideologia de classe média, dentro do “movimento de mulheres”, este amplamente aceito como mais um dos movimentos envolvidos no processo de redemocratização política. Atribuiu-se assim à área de estudos de gênero a denominação “de Mulher”, ou “sobre Mulher”, outorgando à palavra “Mulher”, além do sentido de uma discutível identidade feminina genérica, a própria definição de uma área do saber, o que teve várias conseqüências.

De um lado, proporcionou o esfacelamento da área em múltiplas sub-áreas: “Mulher e família”, “Mulher e trabalho”, “Mulheres rurais” etc., ou ainda “Mulher e Participação política”, “Mulher e Política” etc., com inúmeras superposições nem sempre exploradas. Essa característica do desenvolvimento científico da área é refletida por exemplo na indexação atual do acervo de vários centros de documentação que operaram esses recortes, obrigando as bibliotecárias a demoradas pesquisas para descobrir o documento procurado por um pesquisador, ou ainda obrigando os pesquisadores à leitura de longas listas bibliográficas para cercar um assunto específico.

Do outro lado, o uso essencialista de “Mulher” dificultou os usos metodológico e político do conceito “gênero”, perpetuando o mito de uma natureza única ou de uma união possível entre todas as mulheres além da defesa de interesses pontuais, em vez de favorecer uma visão dinâmica e dialética das relações sociais entre homens e mulheres.

Enfim, a existência de um campo do conhecimento denominado “Mulher” não tem conseguido até hoje atrair pesquisadores masculinos em número relevante, nem mesmo conferir “orgulho de classe” às pesquisadoras que a ele se dedicam. Dois ingredientes sem dúvida necessários para promover a legitimação científico-acadêmica capaz, por sua vez, de promover a implantação de cursos regulares sobre Gênero ou de Estudos Feministas nos diferentes departamentos das universidades brasileiras.

De qualquer maneira, os pesquisadores (na sua maioria pesquisadoras), especializados em estudos feministas, têm trabalhado tanto nas disciplinas bem estabelecidas (sociologia, psicologia etc.) como navegado na interdisciplinaridade (estudos de violência, articulação trabalho/família, política do corpo etc.) e procurado acompanhar as mudanças ocorridas com o processo de liberação das mulheres. Se quinze anos atrás podia-se lastimar a pouca elaboração na construção do objeto, ou constatar que a “ciência” da liberação da mulher não existia, hoje, não mais. Existe um quadro conceitual bem mais ancorado teoricamente para poder efetuar “cientificamente” o recorte de gênero em qualquer campo do conhecimento.

As investigações mudaram radicalmente o que se pensava sobre “humanidade”, particularmente sobre concepções ditas neutras, porém de fato

referidas a homens, e mais, a homens brancos e privilegiados. Foi a pesquisa feminista que evidenciou as relações existentes entre as tendências a demonstrar preconceitos contra um grupo ou a favorecer outro, tanto por conta do gênero, como da raça ou da classe. O que a pesquisa feminista trouxe não é nada mais nada menos que uma revolução em termos de objetividade e de abordagem da realidade. As lentes da diferença tornaram a nossa cultura mais complexa e mais diversa, e a nossa linguagem mais precisa.

A pesquisa feminista tanto renomeou fenômenos mal conhecidos, como deu nomes a outros. O campo do Trabalho, por exemplo, foi o primeiro a ser estudado com outro olhar e o primeiro onde se fez sentir a necessidade de um novo vocabulário. Hoje, quando dizemos “trabalho das mulheres”, sabemos que estamos falando tanto do emprego remunerado como do papel reprodutor e do trabalho doméstico não-remunerado. Este último, não-reconhecido, não-medido, foi amplamente revisitado pela pesquisa feminista, permitindo a compreensão do papel econômico das mulheres e do porquê da sua invisibilidade social. “Dupla jornada”, “igualdade de oportunidades”, “orçamento-tempo”, são exemplos das incorporações léxicas de mudanças conceituais e metodológicas.

Um tesouro específico deve incorporar as mudanças de linguagem e deve também respeitar uma conceituação “politicamente correta”, sem se curvar a modismos exagerados. Por exemplo, de alguns anos para cá, fala-se muito, dentro do movimento de mulheres, em “feminização da pobreza”, significando um processo pelo qual amplos contingentes da população feminina mundial estão vivendo em estado de extrema pobreza. Embora se trate de um fenômeno real, demonstrado por estatísticas que indicam um aumento do número das famílias monoparentais chefiadas por mulheres com empregos mal remunerados, por que, entretanto, associar “feminização”, palavra culturalmente desvalorizada, à palavra “pobreza” também socialmente depreciativa? Por que não falar simplesmente em “pauperização das mulheres”, conceito que propomos neste Tesouro.

Há também conceitos de uso recente, como “*empowerment*” por exemplo, cuja força na língua original se perde no possível correspondente português: “empoderamento”. Optamos, por enquanto, pelo original.

2. CONSTRUÇÃO DO *TESAURO*

A elaboração de um tesouro de amplo alcance, como este, é uma atividade altamente intelectual, pois possibilita, pelo agrupamento de termos, o acesso a uma idéia mesmo sem saber nomeá-la de saída. Ela demandaria normalmente vários anos de trabalho de dezenas de especialistas em assuntos dos mais diversos, pois seria preciso levantar o vocabulário específico de cada área a partir dos textos acadêmicos.

Entretanto, levando em conta a nossa familiaridade com os estudos de gênero na área das Ciências Sociais e a escassez de tempo e de pessoal, nós nos propusemos a construção de um tesouro “elementar”, de fácil utilização pelos seus usuários, bibliotecários e pesquisadores. Elementar entre aspas, já que a abrangência do tema “gênero” o determina de imediato como um macro tesouro multidisciplinar. Elementar porém sem aspas, pois pode ser completado e expandido com o desenvolvimento do conhecimento.

Assim, contrariando todos os conselhos de especialistas em elaboração de tesouros⁴, decidimos escolher termos contidos em listas de indexadores pré-existentes e em tesouros prontos, mesmo que não originalmente em português.

Começamos pela análise léxica de quatro bibliografias indexadas por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas em 1989, respectivamente sobre *Família*⁵, *Participação política*⁶, *Saúde*⁷, e *Trabalho*⁸, que foram essenciais para iniciar a escolha ou não de determinadas palavras-chave e para refletir sobre o tipo de ordenação temática que respeitasse a abrangência do campo de estudos.

A seguir, analisamos diversos tesouros feitos pela UNESCO⁹, pela USP¹⁰, pela Comunidade Européia¹¹, bem como o tesouro americano: *A Women's Thesaurus*¹², (doravante nomeado AWT).

⁴ CAVALCANTI, Cordélia R. *Indexação e tesouro: metodologia e técnicas*. Brasília: ABDF, 1978; CAMPOS, Astério T., “Linguagens documentárias”, *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 14(1): 85-88, jan/jun. 1986; GOMES, op. cit.

⁵ SARTI, Cynthia A. “Levantamento Bibliográfico sobre Mulher e Família. Brasil, 1976-1988”, (480 títulos). Fundação Carlos Chagas, mimeo, 1989.

⁶ COSTA, Albertina de O. “Bibliografia indexada sobre a Participação da Mulher no Brasil”, (260 títulos). Fundação Carlos Chagas, mimeo, 1989.

⁷ FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – *Saúde da Mulher no Brasil: bibliografia anotada*, Textos FCC, n.3/89, (500 títulos).

⁸ BRUSCHINI, Cristina e FREIRE, Maria Cristina M. “O Trabalho da Mulher no Brasil até 1988”, (470 títulos). Fundação Carlos Chagas, mimeo, 1989.

⁹ UNESCO. UNESCO-GIE *Tesouro de Educação*. Paris: UNESCO, 1986, 390 p.; VIET, Jean. *Tesouro internacional do desenvolvimento cultural*. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria da Cultura/UNESCO, 1983, 504 p.

¹⁰ Núcleo de Estudos da Violência – NEV – *A criança memorizada: banco de referências bibliográficas*. Série DOSSIÊ NEV (3), 1991; Núcleo de Estudos da Violência – NEV – *A cruzada filantrópica: a assistência social institucionalizada em São Paulo, 1880-1920*. Série DOSSIÊ NEV (1), 1991.

¹¹ Publicados pela Banque de données européennes d'études féministes – GRACE, Bruxelles: GRACE: – *Report, phase 2.*, July 1992, 36p.; – *Femmes et travail*. Thème n.3.,

O AWT, que é muito abrangente (5.000 termos cobrindo 11 grandes áreas temáticas), apresentou-se como a melhor referência para desenhar a lógica de construção do nosso tesouro, por ter a chancela das renomadas pesquisadoras que o elaboraram e por outras razões. Primeiro, a ótica relacional de gênero que ele promove sem esquecer as particularidades das mulheres. A seguir, o fato de ele manter a compatibilidade com classificações e sistemas de catalogação existentes, como por exemplo o da Biblioteca do Congresso norte-americano (*Library of Congress Subject Headings*), utilizado no Brasil em bibliotecas universitárias. Finalmente, por ter sido submetido à consulta de muitos centros de pesquisa, e devidamente testado em bibliotecas e centros de pesquisa.

Antes de começar, porém, fizemos uma leitura crítica de artigos e coletâneas em língua portuguesa cobrindo diversas áreas¹³, e os artigos da revista *estudos feministas* publicados de 1992 a 1995, à procura do vocabulário específico presente em estudos contemporâneos.

Uma vez feito o reconhecimento semântico da área, foram delineadas as duas principais estratégias da montagem do tesouro: o recorte da área do saber conhecida como “Estudos de Gênero e sobre Mulheres” em diversas áreas temáticas, e a inclusão dos termos nas mesmas.

Quanto à primeira, seguindo a lógica do AWT, porém simplificando-a e aculturando-a, escolhemos **nove (9) áreas temáticas**, ou ainda, segundo as classificações adotadas internacionalmente, nove *Subject Groups* (representados pela sigla SG), para estruturar “o estudo das relações sociais entre homens e mulheres”. Essas áreas representam categorias, ou facetas, ou ainda aspectos particulares desse campo de conhecimento dentro dos quais se agrupam diversas classes de assuntos.

Embora os termos sejam próprios de cada área, vários deles podem pertencer a mais de uma área temática. Dessa forma, o total dos descritores contidos nas áreas temáticas não corresponde ao total dos termos próprios do Tesouro. Por exemplo, termos indicando métodos de pesquisa como

1992, 92p.; – *Inégalités et opportunités*. Thème n.5, 1993, 92p.; – *Pouvoir, féminisation du pouvoir et politique*. Thème n.1, 1992, 88p. – *Recherches féministes*. Thème n.2m, 1992, 80p.; – *Sciences et technologies*, oct. 1993, 68 p.

¹² CAPEK, Mary Ellen (ed.), *A Women's Thesaurus*. A project of the National Council for Research on Women and the Business and Professional Women's Foundation. New York: Harper & Row, 1987, 1.052 p.

¹³ BRUSCHINI, Cristina, “Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro”, *Revista Estudos Feministas*, 2(3): 17-32, 1994; SAFFIOTTI, Heleieth, I. & MUÑOZ-VARGAS, Monica. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1994.

“análise de dados” ou “análise estatística” encontram-se nas áreas temáticas (SG) “Ciência e Tecnologia”, “Ciências Naturais e Saúde”, “Ciências Sociais e Cultura”, ou ainda descritores como “esfera privada” e “esfera pública” pertencem ao SG “Ciências Sociais e Cultura” e ao SG “Lei, Governo e Políticas Públicas”.

As áreas temáticas e sub-áreas de assuntos são as seguintes:

— **Ciência e Tecnologia** (Ciências do meio ambiente / Ciências físicas e da terra / Engenharia / Matemática / Tecnologia e impacto da tecnologia).

— **Ciências Naturais e Saúde** (Ciências biológicas, incluindo: biologia, química, fisiologia, zoologia e genética / Ciências médicas, incluindo: medicina, odontologia, enfermagem e farmacologia / Planejamento familiar e aborto / Esportes / Gravidez e parto / Saúde, incluindo saúde mental, saúde sexual, higiene e nutrição / Sexualidade).

— **Ciências Sociais e Cultura** (Antropologia / Casamento e família / Ciclos de vida / Demografia / Estereótipos / Estilos de vida / Estudos interdisciplinares, incluindo estudos de gênero, classe e raça / Instituições / Moda, indumentária e divertimento social / Papéis sexuais / Parentesco / Psicologia / Socialização / Sociologia / Violência).

— **Comunicação, Artes e Espetáculos** (Arquitetura e *design* de interiores / Artes visuais / Artesanato / Canto / Ciência e teoria da informação, incluindo bibliotecas / Cinema e vídeo / Dança e mímica / *Design* de moda / Edição e impressão / Espaços para exposições e espetáculos diversos / Fotografia / Jornalismo / Mídia eletrônica e impressa / Museus e galerias / Música / Propaganda / Relações públicas e informação / Shows / Teatro e artes cênicas / Telecomunicações / Teoria da arte, técnica e crítica).

— **Economia e Emprego** (Agricultura / Emprego/carreiras / Finanças / Força de trabalho/mercado de trabalho / Local de trabalho / Negócios e indústria / Renda, salário, igualdade de salário / Teoria e prática institucionais, organizacionais e da gerência / Teoria econômica, sistemas e condições).

— **Educação** (Aconselhamento de carreira / Administração / Berçários e creches / Currículos / Educação infantil / Educação de adultos, de extensão / Educação profissional, religiosa / Educação superior / Ensino fundamental e médio / Estudantes / Faculdades / Financiamento, incluindo apoio financeiro à educação, privado e público / Metodologia de ensino / Teorias de Educação).

— **História e Mudança Social** (História da mudança social / História das mulheres / Historiografia / Movimentos culturais e políticos / Movimentos de mulheres / Teoria feminista).

— **Lei, Governo e Políticas Públicas** (Crime, prisões e punição / Direitos legais / Lei e legislação, incluindo regulamentações e fiscalizações / Mili-

tares e defesa / Políticas sociais e econômicas e serviços, incluindo bem-estar, creches e habitação / Relações internacionais / Teoria e ciência política).

— **Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia** (Crítica literária / Espiritualidade / Ética / Filosofia / Lingüística / Literatura, incluindo biografias, diários, memórias e cartas / Mitologia / Religião / Semiótica / Teologia).

Além dessas áreas temáticas, constam **três (3) grupos de delimitadores**, ou *Delimiters groups* (representados pela sigla DG). Como o seu nome indica, eles acrescentam mais uma possibilidade de precisão à indexação. Trata-se dos grupos de delimitadores **etários**, **geográficos** e **históricos**. Os delimitadores etários não seqüenciam as tradicionais coortes de idade (0-5, 5-10 anos etc.), mas definem as principais etapas do desenvolvimento humano. Os delimitadores históricos operam apenas grandes recortes de tempo e os geográficos indicam países e continentes e, no caso do Brasil, regiões, estados e capitais.

No que diz respeito à segunda estratégia, da inclusão de termos no tesouro, pautadas pelas recomendações de especialistas, definimos três critérios: a) um grau médio de especificidade: cada descritor deve ser bastante detalhado para definir o conteúdo e a consistência dos tópicos ou categorias, mas sem exagero; b) a historicidade: cada termo deve estar inserido numa linguagem contemporânea; c) o contexto cultural brasileiro como um todo: os termos não poderiam ter significados apenas regionais.

Decidimos, então, compor um tesouro bastante simplificado em relação ao tesouro americano, suscetível, porém, de ser ampliado com o tempo e capaz de oferecer uma rica pós-coordenação entre os termos. De fato, o sistema de pós-coordenação, indexando apenas por meio de termos simples, associados *a posteriori*, assegura uma economia indexatória, evitando o recurso às extensas listas de descritores pré-coordenados como no caso dos “cabeçalhos de assunto”. Por exemplo, não há por que usar cabeçalhos pré-coordenados “comida norueguesa” ou “comida francesa” se é possível associar ao termo “comida” os delimitadores geográficos “Noruega” ou “França”.

De outra parte, uma rica pós-coordenação pode oferecer um complemento à existência de resumos das obras ou documentos.¹⁴

¹⁴ O exame de revistas científicas que apresentam resumos de artigos (*abstracts*) mostrou que a precisão da informação transmitida pelos resumos é insatisfatória. Muitos deles repetem apenas o título do trabalho e abusam de forma verbal reflexiva (“examina-se”, “apresenta-se”) que toma espaço e tempo de digitação. Feita como convém, a indexação deveria bastar para uma identificação satisfatória do conteúdo de um documento.

Considerando a possibilidade de inúmeras pós-coordenações, algumas opções foram feitas. Por exemplo, todos os descritores de profissões estão no masculino plural, a eles podem ser adicionados os termos “mulheres” ou “homens” se for o caso, ou ainda algum delimitador etário como “adultos jovens” ou ainda outros conceitos como “aposentados” ou “trabalhadores autônomos”, ou “setor público”.

Mesmo assim, o *Tesouro* apresenta diversos termos pré-coordenados por constituírem temas específicos dos Estudos de gênero, como no caso de “articulação trabalho/família”, “reinserção no mercado de trabalho”, “descriminalização do aborto” ou “terapia de reposição hormonal”.

3. APRESENTAÇÃO DO *TESAURO*

Os termos que compõem o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* estão apresentados em duas listagens.

Na primeira, **Lista Alfabética**, cerca de 1.750 termos que compõem o *Tesouro* aparecem por ordem alfabética, cada um deles mostrando a sua estrutura conceitual. Entende-se por estrutura a vinculação entre os conceitos representados por termos: nenhum deles pode figurar num tesouro sem que esteja relacionado com outro. Eles podem ter relacionamentos de diversas ordens: lógica, por exemplo como no caso de “violência” e “violência contra mulheres” (analogia), ou ainda “guerra” e “paz” (oposição); ontológica, como por exemplo no caso de “América do Sul”, “Brasil”, “Pernambuco”, “Recife” (descendência) ou ainda “corpos”, “ovários”, “sangue”; (partes de um todo); de efeito, como por exemplo na causalidade entre “laqueadura” e “esterilização”. Essas relações são imediatamente visibilizadas numa determinada hierarquia.

Essa arrumação mostra cada termo com a sua ascendência até o **termo genérico**, *Broader Term* (BT)¹⁵, com a sua descendência de **termos específicos**, *Narrower Term* (NT), com as suas ligações **com termos relacionados**, *Related Term* (RT), e indica também os **termos cujo uso é recomendado**, *Used* (USE) **ou aqueles que devem ser substituídos**, *Used for* (UF).

Cada termo vem ainda classificado pela área temática à qual ele pertence (SG), pelo eventual delimitador (DG) e uma eventual **nota explicativa** do conceito, *Scope Note*, (SN) quando for necessário.

Exemplos:

¹⁵ Adotamos as iniciais correspondentes às palavras em inglês, conforme a nomenclatura aceita internacionalmente e que está em uso na BAMP.

mulheres chefes de família

- SN *Usado preferencialmente a “mães chefes de família” por qualificar uma situação genérica de responsabilidade integral pela família seja esta constituída por filhos, pais, agregados ou todos juntos.*
- SG Ciências Sociais e Cultura
- UF mães solteiras
- BT chefes de família
- RT articulação trabalho/família
divórcio
domicílios chefiados por mulheres
famílias monoparentais

pauperização das mulheres

- SN *Processo resultante de múltiplas causas tanto políticas e econômicas (globalização da economia, desemprego estrutural etc.) como culturais (liberalização dos costumes, ideologia do individualismo etc). Embora consagrada, a expressão “feminização da pobreza” ao relacionar algo negativo à feminização, perpetua o preconceito.*
- SG Ciências Sociais e Cultura
História e Mudança Social
- UF feminização da pobreza

feminização da pobreza

- USE **pauperização das mulheres**

Na segunda listagem, **Lista Temática**, os termos aparecem por áreas temáticas (*Subject Groups*: SG) e por listas de delimitadores etários, geográficos e históricos, também em ordem alfabética, acompanhados apenas pelos seus termos relacionados (RT), sem indicação da sigla, e agrupados.

A Lista Temática permite maior rapidez na procura de informação ou até mesmo na indexação, pois além de situar os termos dentro de áreas do saber ou de atividades bem delimitadas, ele indica os termos com os quais o termo principal mantém relações nem sempre evidentes para o leigo.

Exemplo:

CIÊNCIAS SOCIAIS E CULTURA

mulheres chefes de família

- articulação trabalho/família
- divórcio
- domicílios chefiados por mulheres
- famílias monoparentais

pauperização das mulheres

- UF feminização da pobreza

feminização da pobreza

- USE **pauperização das mulheres**

O usuário do *Tesouro*, seja ele bibliotecário ou pesquisador, poderá armazenar ou recuperar dados utilizando qualquer uma das duas listagens. Uma indexação mais rápida poderá ser feita utilizando a Lista Temática. Em compensação, a utilização da Lista Alfabética permitirá uma indexação mais complexa ou uma pesquisa mais precisa pela imediata visualização de todos os relacionamentos entre os conceitos expressos pelos descritores.

Esta primeira versão do *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres* será objeto de revisões, ampliações e correções na medida em que pesquisadores e bibliotecários sentirem e explicitarem a necessidade das mesmas. Trata-se de uma ferramenta, e como tal, deve ajudar aqueles que lidam com o processamento de informações.

Danielle Ardaillon e Sandra G. Unbehaum
São Paulo, julho de 1998